

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES - ESCOLA DE BELAS ARTES
COMUNICAÇÃO VISUAL DESIGN

Pedro Nogueira Silva

TROPIQUIR: Identidade visual para uma editora LGBTQIA+

Rio de Janeiro
2025

Pedro Nogueira Silva

TROPIQUIR: Identidade visual para uma editora LGBTQIA+

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Comunicação Visual Design da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Luiz Antonio Fernandes Braga

Rio de Janeiro

2025

FOLHA DE APROVAÇÃO

PEDRO NOGUEIRA SILVA

TROPIQUIR: Identidade visual para uma editora LGBTQIA+

Aprovada em 10 de julho de 2025

Documento assinado digitalmente
gov.br
RAQUEL FERREIRA DA PONTE
Data: 28/07/2025 14:45:15-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Raquel Ponte - CVD-EBA-UFRJ

Documento assinado digitalmente
gov.br
MARDEN DO VALE NASCIMENTO
Data: 28/07/2025 20:23:34-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Marden Nascimento - CVD-EBA-UFRJ

Documento assinado digitalmente
gov.br
LUIZ ANTONIO FERNANDES BRAGA
Data: 28/07/2025 14:09:57-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Luiz Braga (orientador) - CVD-EBA-UFRJ

CIP - Catalogação na Publicação

N778t

Nogueira Silva, Pedro
TROPIQUIR: Identidade visual para uma editora LGBTQIA+ / Pedro Nogueira Silva. -- Rio de Janeiro, 2025.
74 f.

Orientador: Luiz Antonio Fernandes Braga.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, Bacharel em Comunicação Visual Design, 2025.

1. movimento LGBTQIA+. 2. design gráfico. 3. editorial. 4. identidade visual. 5. Brasil. I. Fernandes Braga, Luiz Antonio , orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha mãe, por me incentivar a sempre ir atrás dos meus sonhos e ser a pessoa que me apresentou a leitura e ao mundo da imaginação e artes. Valeu a pena mãe.

Ao João Vitor, pelo seu apoio e amor por todas as minhas singularidades, sem você eu nunca chegaria onde estou agora. Ele é meu porto seguro, meu companheiro de risadas, crises e aventuras. Ele será para sempre meu king of my heart.

Às minhas companheiras de design, Beatriz Steiner e Fernanda Doti, pela amizade e apoio mútuo desde o momento em que nos conhecemos. Por aguentarem todos os meus surtos especulativos e ouvirem meus áudios reclamando da vida. Por compartilharem comigo momentos especiais (e fofocas) que nunca vou esquecer.

Ao meu orientador, Luiz Braga, por ter acreditado no meu potencial e apoiado meu projeto desde a primeira reunião de alinhamento, incentivando-me a pensar grande e a sonhar alto. Sou profundamente grato por sua dedicação, paciência e por ter me guiado com tanto comprometimento durante todo esse processo.

As pessoas da minha comunidade que vieram antes de mim, por terem lutado incansavelmente pelos meus direitos e pela possibilidade de eu ser quem sou hoje, merecem todo o meu reconhecimento e gratidão. Foram elas que, enfrentando preconceitos, violências e dificuldades, abriram caminhos para que minha geração pudesse viver com mais dignidade, liberdade e orgulho. É graças à coragem dessas pessoas que hoje podemos continuar avançando na busca por respeito, igualdade e justiça para todos.

E, por último, mas não menos importante, à UFRJ, ao corpo docente e discente do curso de Comunicação Visual Design e à Escola de Belas Artes, pelo acolhimento e suporte ao longo desses anos. Sinto um imenso orgulho por ter feito parte desta instituição, onde profissionais incríveis atuam e por onde tantos talentos já passaram.

RESUMO

NOGUEIRA SILVA, Pedro. **TROPIQUIR**: Identidade visual para uma editora LGBTQIA+. Monografia (Graduação em Comunicação Visual Design) – Centro de Letras e Artes -Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

Este Trabalho de Conclusão de Curso desenvolve um projeto de design gráfico com foco na valorização da memória histórica e na representação do movimento LGBTQIA+ no Brasil. A pesquisa inicia com uma abordagem histórica, apresentando a Revolta de Stonewall e analisando os desdobramentos da luta por direitos no contexto brasileiro. Em seguida, o trabalho propõe a criação de uma identidade visual para uma editora fictícia dedicada a publicar obras sobre contendo diversidade, memória e questões LGBTQIA+ em suas obras. O projeto gráfico busca estabelecer uma comunicação representativa e coerente com os valores da comunidade. A identidade visual é estruturada a partir de uma análise de similares e referências visuais do mercado editorial e inclui o desenvolvimento de logotipo, tipografia, paleta de cores e elementos gráficos aplicados a diversos suportes, como capas de livros, redes sociais, website, materiais de divulgação, ecobag e cartão de visita.

A pesquisa fundamenta-se na articulação entre design, memória e diversidade, buscando contribuir para uma representação mais plural, consciente e respeitosa da comunidade LGBTQIA+ na comunicação visual editorial, além de fortalecer a presença de narrativas LGBTQIA+ no mercado literário brasileiro.

Palavras-chave: movimento LGBTQIA+, design gráfico,editorial, identidade visual, Brasil.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeiras discussões com os policiais em frente ao bar. 12
Figura 2 - Marsha P. Johnson 13
Figura 3 - Clientes do Stonewall Inn resistindo às repressões 13
Figura 4 - Christopher Street Liberation Day 14
Figura 5 - Christopher Street Liberation Day 15
Figura 6 - Frente de Liberación Homosexual (FLH) 16
Figura 7 - Movimento de Liberação Homossexual (MHL) 16
Figura 8 - Ferro's Bar 19
Figura 9 - Primeira edição do Chanacomchana 20
Figura 10 - Grupo de Ação Lésbica Feminista no Ferro's Bar 22
Figura 11 - Décima segunda e última edição do Chanacomchana 23
Figura 12 - Winston Leyland 24
Figura 13 - Gay Sunshine, décima nona edição 25
Figura 14 - Edição número zero de Lampião" 27
Figura 15 - Lampião da Esquina, edição nº trigésima segunda 28
Figura 16 - Lampião da Esquina, edição número décima terceira 31
Figura 17 - Estilista Markito 33
Figura 18 - Mídia contribuindo para a estigmatização da doença 34
Figura 19 - Mídia contribuindo para a estigmatização da doença 34
Figura 20 - Campanha do Ministério da Saúde sobre a AIDS 37
Figura 21 - Pesquisa de similares 39
Figura 22 - Pesquisa de similares 39
Figura 23 - Edição número 3 do Lampião da Esquina 40
Figura 24 - Moodboard acervo pessoal 41
Figura 25 - Conceito do logotipo 43
Figura 26 - Logotipo aplicado 44
Figura 27 - Fontes usadas no projeto 46
Figura 28 - Fontes usadas no projeto 47
Figura 29 - Paleta de Cores 49
Figura 30 - Elementos da marca 51
Figura 31 - Instagram da TROPIQUIR 54
Figura 32 - Instagram da TROPIQUIR 55
Figura 33 - Site da TROPIQUIR 57
Figura 34 - Site da TROPIQUIR 58
Figura 35 - Caixa de envio da TROPIQUIR 60
Figura 36 - Ecobag 62
Figura 37 - Cartão de Visita 64
Figura 38 - Referências da capa 66
Figura 39 - Resultado final 67
Figura 40 - Referências da capa 68
Figura 41 - Resultado final 69

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO..... 10
2. O MOVIMENTO LGBTQIA+ NO BRASIL..... 11
2.1 A REVOLTA DE STONEWALL..... 11
2.2 E NO BRASIL?..... 16
2.2.1 Ditadura Militar..... 17
2.2.2 A Revolta no Ferro's Bar..... 19
2.2.3 ChanacomChana..... 21
2.2.4 Lampião da Esquina..... 24
2.2.5 Epidemia de HIV/AIDS..... 33
3. O PROJETO..... 38
3.1 A MARCA..... 38
3.2 ANÁLISE DE SIMILARES..... 39
3.3 PESQUISA DE REFERÊNCIAS..... 41
3.4 IDENTIDADE VISUAL..... 43
3.4.1 Logotipo..... 43
3.4.2 Tipografia..... 46
3.4.3 Paleta de Cores..... 49
3.4.4 Elementos..... 51
3.5 APLICAÇÕES..... 53
3.5.1 Instagram..... 54
3.5.2 Site..... 57
3.5.3 Embalagem..... 60
3.5.4 Ecobag..... 62
3.5.5 Cartão de Visita..... 64
3.6 LIVROS..... 66
3.6.1 O Beijo no Rio..... 67
3.6.2 Homens Elegantes..... 69
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 71
5.REFERÊNCIAS..... 72

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a luta por direitos e reconhecimento da população LGBTQIA+ conquistou avanços significativos em diversas esferas sociais, mas ainda enfrenta desafios importantes, sobretudo no que diz respeito à representatividade na mídia e na produção cultural. A comunicação visual, enquanto ferramenta de expressão e transformação social, possui papel central na construção de narrativas mais plurais e inclusivas.

Este Trabalho de Conclusão de Curso propõe o desenvolvimento de uma identidade visual para a TROPIQUIR, uma editora fictícia dedicada à publicação de obras de autores LGBTQIA+ que abordam a diversidade, a memória e as questões da comunidade. A proposta nasce do entendimento de que a criação de uma marca editorial com identidade coerente e representativa pode fortalecer a visibilidade e o alcance de narrativas LGBTQIA+ no mercado literário brasileiro.

Para contextualizar a importância desse projeto, a pesquisa parte de uma abordagem histórica, revisitando eventos como a Revolta de Stonewall e analisando os desdobramentos da luta por direitos LGBTQIA+ no Brasil. A partir dessa base teórica, é apresentada uma análise de referências visuais e exemplos do mercado editorial, que orientam o processo de criação do projeto gráfico, incluindo logotipo, tipografia, paleta de cores e aplicações em diversos suportes, como capas de livros, materiais de divulgação e mídias digitais.

Ao articular design, memória e diversidade, o trabalho busca não apenas desenvolver soluções visuais esteticamente consistentes, mas também contribuir para uma representação mais consciente, respeitosa e plural da comunidade LGBTQIA+ na comunicação editorial.

2. O MOVIMENTO LGBTQIA+ NO BRASIL

2.1 A REVOLTA DE STONEWALL

Até o início da década de 1960, a prática do sexo anal conhecida como sodomia, era considerada um crime em todos os Estados Unidos, politica que afetava diretamente a comunidade homossexual do país. Embora alguns estados tenham derrubado esses decretos ao longo dos anos, Nova York manteve uma postura rigorosa e silenciosamente anti-homossexual. No entanto, no bairro de Greenwich Village, existia e resistia um modesto bar chamado Stonewall Inn, um dos poucos locais “seguros” para encontros do público gay em todo o território estadunidense.

Em 1969, batidas policiais na região de Manhattan eram comuns e seguiam um padrão: os policiais invadiam os diversos bares espalhados pela cidade, ameaçando e agredindo funcionários e clientes e os obrigavam a sair para a rua e formar filas para serem abordados e/ou presos. O Stonewall Inn, devido à sua reputação como o único bar que servia bebidas a pessoas queer em todo os Estados Unidos, estranhamente era uma exceção a essa conduta. O estabelecimento só não era abordado pelos agentes e conseguia continuar operando na época porque era protegido financeiramente pela máfia italiana, que controlava o bar desde 1966:

> Already a strong presence in New York, members of the Mafia saw a business opportunity in catering to the otherwise shunned gay population. By the mid-1960s, the Genovese crime family controlled the majority of gay bars in Greenwich Village, a neighborhood in southern Manhattan that was quickly becoming a hub for the city's burgeoning gay community. In 1966, young Genovese family member Tony Lauria purchased the Stonewall Inn, then a low-earning 'straight' bar and restaurant. "Fat Tony," as he was known, renovated at low cost and reopened the Christopher Street club as a gay bar, controlling everything from the jukebox to the cigarettes. He bribed New York's Sixth Police Precinct with around $1,200 a month to turn a blind eye to the goings on at the establishment.[1]

[1] “Already a strong presence in New York, members of the Mafia saw a business opportunity in catering to the otherwise shunned gay population. By the mid-1960s, the Genovese crime family controlled the majority of gay bars in Greenwich Village, a neighborhood in southern Manhattan that was quickly becoming a hub for the city's burgeoning gay community. In 1966, young Genovese family member Tony Lauria purchased the Stonewall Inn, then a

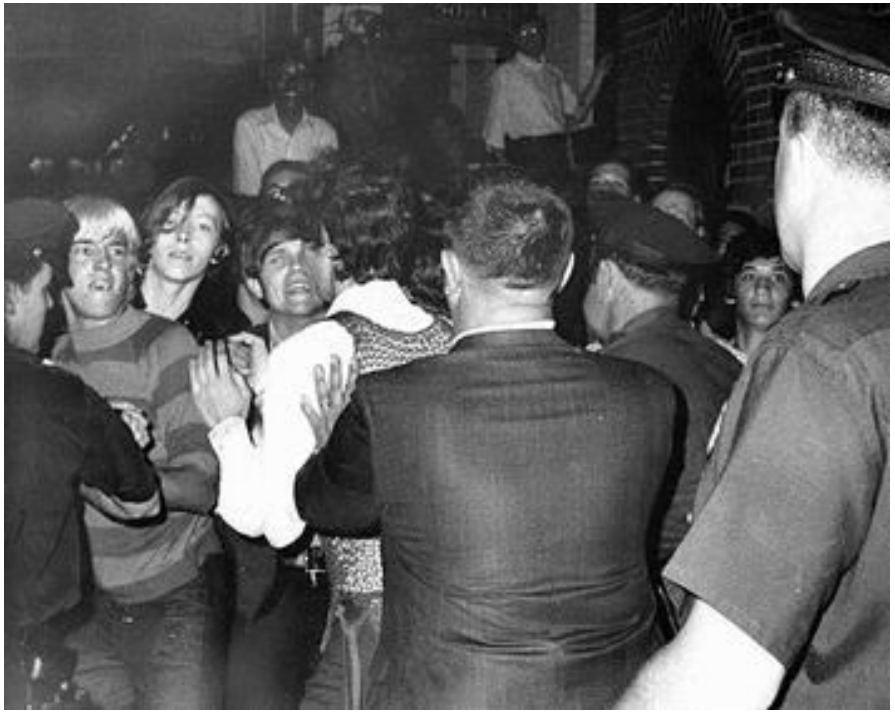
Apesar de não possuir licença para vender bebidas alcoólicas, os proprietários pagavam subornos para que as autoridades fechassem os olhos e permitissem tanto o funcionamento da casa quanto a comercialização de álcool. Entretanto, regularmente, policiais visitavam o bar para recolher suas propinas, humilhar e extorquir os frequentadores. A corrupção e a violência faziam parte do cotidiano da população homossexual nos poucos espaços de convivência disponíveis na época.

Nas primeiras horas do dia 28 de junho de 1969, algo inesperado aconteceu: a polícia rompeu o acordo com a máfia italiana e invadiu o bar, alegando não haver licença para vender bebidas alcoólicas. De forma agressiva, os policiais abordaram as mais de 200 pessoas presentes, que estavam dançando, bebendo e aproveitando a noite. Eles começaram a separar quem seria liberado de quem seria detido e levado à delegacia, mas o número de pessoas era tão grande que os poucos policiais e viaturas não conseguiam acomodar todos os presos. Enquanto as detenções aconteciam, uma multidão se reuniu em frente ao bar e começou a lançar objetos contra a polícia, iniciando uma revolta que mudaria a história da comunidade para sempre.

---

low-earning 'straight' bar and restaurant. "Fat Tony," as he was known, renovated at low cost and reopened the Christopher Street club as a gay bar, controlling everything from the jukebox to the cigarettes. He bribed New York's Sixth Police Precinct with around $1,200 a month to turn a blind eye to the goings on at the establishment.”

Figura 1 - Primeiras discussões com os policiais em frente ao bar



Fonte - NY Daily News Archive

As lembranças e versões sobre esse evento histórico são diversas e, muitas vezes, contraditórias. Debates ainda ocorrem sobre quem deu o primeiro grito contra os policiais, quem jogou a primeira pedra na viatura e quem realmente liderou a rebelião. No entanto, uma das figuras marcantes daquela noite, que lutava por seus direitos e se tornou mundialmente conhecida, foi Marsha P. Johnson (1945-1992), uma ativista trans negra que frequentava o bar e é vista como um dos rostos do movimento LGBTQIA+. Embora muitas vezes seja citada como uma das líderes da revolta, Marsha rejeitou essa versão, afirmando que chegou ao local quando a confusão já havia começado:

> Eu estava na zona alta da cidade e só cheguei à baixa por volta das duas horas, porque quando cheguei à baixa o sítio já estava a arder. E já era uma rusga. Os motins já tinham começado. E disseram que a polícia entrou lá e pegou fogo ao sítio. Disseram que a polícia pegou fogo porque queriam que o Stonewall fechasse, por isso fizeram várias rusgas. E havia uma tal de Tiffany e uma outra drag queen que costumava trabalhar lá na sala de controlo de casacos e depois havia todos estes empregados de bar. E na noite anterior ao início dos motins de Stonewall, antes de fecharem o bar, estávamos todos lá e tivemos de nos alinhar contra a parede e eles estavam todos a revistar-nos. (Marsha P. Johnson para o podcast “Making Gay History”)[2]

[2] “I was uptown and I didn’t get downtown until about two o’clock, because when I got downtown the place was already on fire. And it was a raid already. The riots had already started. And they said the police went in there and set the place on fire. They said the police set it on fire because they originally wanted the Stonewall to close, so they had several raids. And there was this, uh, Tiffany and, oh, this other drag queen that used to work there in the coat check room and then they had all these bartenders. And the night before the Stonewall riots started, before they closed the bar, we were all there and we all had to line up against the

Figura 2 - Marsha P. Johnson



Fonte - Netflix

O caos rapidamente tomou conta da situação. Não apenas aqueles que eram liberados pela polícia se juntavam à revolta, mas também as pessoas que estavam sendo detidas ou presas começaram a resistir. Além disso, pessoas que passavam pela rua foram atraídas pela confusão e decidiram participar da manifestação contra os policiais. Esse evento deu início a vários dias de intensos protestos na cidade, onde a comunidade desafiou abertamente a repressão policial e estatal. Essas manifestações marcaram o início de uma onda de protestos que se espalhou por diversas cidades dos Estados Unidos.

Figura 3 - Clientes do Stonewall Inn resistindo as repressões policiais



Fonte - The New York Times

A Revolta de Stonewall deu origem a uma onda de ativismo que atravessou fronteiras, deixando um impacto profundo em todo o ocidente. Um ano após o levante, ativistas nova-iorquinos marcaram a data com o "Christopher Street Liberation Day" (Dia da Libertação de Christopher Street),

wall and they was all searching us." (Marsha P. Johnson para o podcast “Making Gay History”)

evento que hoje é reconhecido como a primeira marcha do orgulho gay no mundo. Em homenagem a esse marco histórico, muitos países celebram o Dia do Orgulho LGBTQIA+ com Paradas de Orgulho, que se tornaram poderosos símbolos na luta contra a homofobia, transfobia e bifobia. Essas paradas não são apenas celebrações, mas também atos de protesto e afirmação, reivindicando igualdade de direitos e leis que protejam todas as pessoas contra a discriminação. Através dessas manifestações, a memória e o legado de Stonewall continuam a inspirar e mobilizar a luta global por igualdade e respeito.

Figura 4 e 5 - Christopher Street Liberation Day



Fonte - Fred W. McDarrah/Getty Images



Fonte - The New York Public Library

2.2 E NO BRASIL?

Ao examinar a história global do movimento da época, percebe-se que vários eventos anteriores a Stonewall já marcavam a luta da população homossexual por direitos e resistência à autoridade em espaços públicos em diversos países. Dois anos antes de Stonewall, por exemplo, o grupo social Nuestro Mundo, fundado em Buenos Aires em 1967, adotou uma postura intensamente politizada durante o período revolucionário de 1968, contribuindo, em 1971, para a criação da Frente de Liberación Homosexual (FLH). No México, no mesmo ano, surgiu o Movimento de Liberação Homossexual (MHL), resultado das mobilizações estudantis mexicanas de 1968. No entanto, Stonewall se consolidou como o principal marco do movimento LGBTQIA+ global, amplamente devido à hegemonia cultural dos Estados Unidos na época.

Como a maior potência mundial, os EUA tinham uma influência desproporcional na forma como eventos culturais e políticos eram percebidos e interpretados globalmente. A cobertura midiática e o impacto cultural do levante de Stonewall foram amplificados por essa posição dominante, estabelecendo-o como o símbolo central da luta pelos direitos da comunidade. Enquanto países latino-americanos viviam seus próprios "Stonewalls" e movimentos de resistência, a visibilidade e o reconhecimento desses eventos eram limitados fora do contexto regional. No Brasil, por exemplo, o período mais rigoroso da repressão ditatorial a partir de 1968 impediu o surgimento e a expansão do movimento LGBTQIA+

de forma mais abrangente. Assim, a influência dos Estados Unidos como potência cultural e política contribuiu para a centralização de Stonewall como o referencial global, obscurecendo os importantes avanços e lutas ocorridos em outras partes do mundo.

Figura 6 - Frente de Liberación Homosexual (FLH)



Fonte - Historia de la homosexualidad en la Argentina

Figura 7 - Movimento de Liberação Homossexual (MHL)



Fonte - Partido Revolucionario de los Trabajadores

2.2.1 Ditadura Militar

"na galeria do amor é assim
muita gente à procura de gente
A galeria do amor é assim
um lugar de emoções diferentes
Onde gente que é gente se entende
onde pode-se amar livremente"
"Emoções", Wando (1978)

Em março de 1964, o Brasil viveu um momento decisivo em sua história, a realização de um golpe militar que resultou na instauração da Ditadura Militar Brasileira. Este golpe, que se desenrolou no contexto da Guerra Fria, contou com o apoio de diversos setores da sociedade brasileira, incluindo militares, empresários e políticos conservadores. O governo dos Estados Unidos, preocupado com a possibilidade de expansão do comunismo na América Latina e influenciado pelos temores da influência soviética na região, ofereceu suporte crucial à intervenção militar. A derrubada de João Goulart, presidente da época, foi comemorada por aqueles que viam seu governo como uma ameaça à ordem e à estabilidade política desejadas, além de uma possível ameaça comunista. Esse evento refletiu o clima de polarização ideológica da época, com os EUA e seus aliados latino-americanos agindo decisivamente para conter o que percebiam como uma expansão do socialismo em seus hemisférios. A Ditadura Militar, que se seguiu, instaurou um regime autoritário que duraria até 1985, caracterizado por repressão política e censura.

Após a tomada do poder, os militares estabeleceram um regime autoritário que restringiu severamente as liberdades civis e políticas. Ao longo dos anos de ditadura, diversos decretos foram implementados, sendo o mais grave o Ato Institucional nº 5 (AI-5), em 1968. Este ato resultou no fechamento do Congresso Nacional, na institucionalização da censura e na intensificação da repressão política. O AI-5 autorizou medidas drásticas, como prisões arbitrárias, torturas e a perseguição implacável de opositores ao regime. A repressão também afetou a comunidade, que enfrentou um aumento na vigilância e na repressão, com prisões e torturas direcionadas a indivíduos que eram vistos como uma ameaça à ordem moral imposta pelo regime. A repressão às expressões artísticas e literárias criou um ambiente hostil que sufocou o surgimento de movimentos opositores, especialmente no início da década de 1970.

A polícia se constituiu como um dos pilares do controle do Estado, sem amarras, sua ação e repressão às pessoas nas ruas foi avassalador, principalmente para homossexuais e travestis nos grandes centros urbanos. Evitando o conflito com

a política, diversos homossexuais evitavam a evidência em qualquer situação à luz do dia, preferindo a busca de espaços mais discretos para interagir com seus companheiros, fazendo diversos estabelecimentos, como bares destinados a gays e lésbicas, se popularizando nas grandes cidades.

A influência de Stonewall na América Latina, e particularmente no Brasil, é inegável. Embora a ditadura civil-militar tenha imposto uma repressão severa, a onda de ativismo inspirada pelas revoltas de Nova York conseguiu se manifestar de forma significativa. A introdução de publicações como Lampião da Esquina e Chanacomchana, que surgiram como reações diretas à opressão e censura, foi um reflexo da resistência brasileira contra a repressão estatal e cultural. O impacto de Stonewall foi sentido não apenas através da criação desses veículos de comunicação, mas também por meio das mobilizações que surgiram como resposta a operações policiais opressivas.

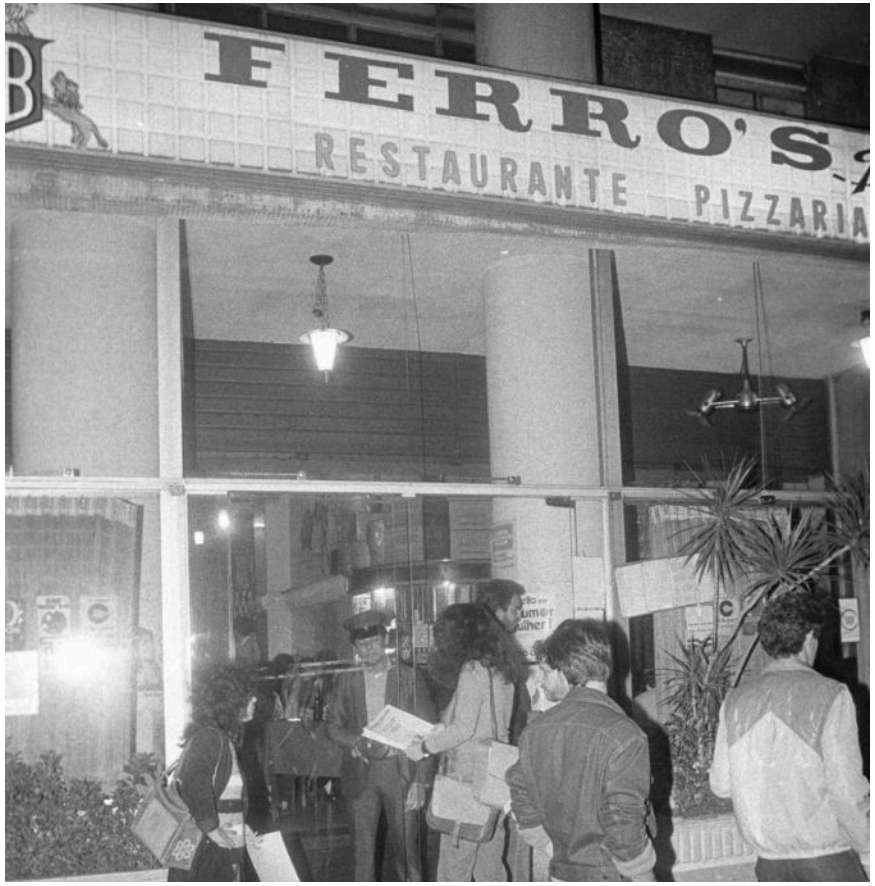
2.2.2 A Revolta no Ferro's Bar

Um pouco mais de uma década após a rebelião de Stonewall, em 1983, uma revolta semelhante eclodiu no Brasil: o levante no Ferro's Bar. Esse episódio foi protagonizado por lésbicas que, diante da opressão e da violência policial, decidiram se unir em resistência. A ação ganhou força com o apoio de grupos feministas, que viam na luta pelos seus direitos uma extensão de suas próprias batalhas por igualdade e respeito.

Localizado na Avenida 9 de Julho, no coração de São Paulo, o Ferro's Bar se tornou um importante ponto de encontro para mulheres lésbicas da época, oferecendo um espaço acolhedor em meio à opressão social. De fácil acesso, o bar atraía um público diversificado, que buscava não apenas diversão, mas também um ambiente seguro para expressar sua identidade. No entanto, assim como nos Estados Unidos, as incursões policiais eram frequentes e a repressão era uma realidade constante. A clientela era frequentemente expulsa do bar, mas a força e a determinação da comunidade eram

evidentes, pois elas sempre retornavam, reocupando o espaço e reafirmando seu direito de estar ali. Essa resistência se tornava um ato de coragem e afirmação em meio à hostilidade cometida pelos guardas.

Figura 8 - Ferro's Bar



Fonte - Acervo Folha de São Paulo

2.2.3 ChanacomChana

Outra medida autoritária da época incluía o confisco e a proibição de distribuição de panfletos que abordavam qualquer tipo de resistência na cidade, apesar das tentativas de censura, o espírito de resistência prevalecia, e o Ferro's Bar se firmava como um símbolo da luta por direitos e liberdade em um período de intensa repressão. O material mais amplamente distribuído e, consequentemente, alvo de proibições nesse local, era o jornal Chanacomchana, voltado para a comunidade lésbica. Publicado inicialmente pelo Grupo Lésbico Feminista e, posteriormente, pelo Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF), esse periódico foi um importante veículo de expressão e visibilidade para a comunidade paulistana.

Figura 9 - Primeira edição do Chanacomchana



Fonte - Rosely Roth

Chanacomchana não apenas informava, mas também promovia a discussão de temas relevantes para as mulheres lésbicas, abordando questões de sexualidade, política e direitos. A proibição de sua venda pelo dono do bar, refletia a repressão que a comunidade enfrentava na época, que vinha sendo silenciadas e que clamavam por igualdade e reconhecimento. Após um longo período de resistência a expulsões violentas e à proibição de materiais informativos, no dia 19 de agosto de 1983, as militantes decidiram que era hora de dar um basta à discriminação. Elas se organizaram, unindo forças com outros grupos homossexuais, feministas e figuras políticas influentes da época para realizar um ato de protesto que ficaria marcado na história do movimento. Diante de uma plateia composta por frequentadoras do bar, representantes da polícia, jornalistas e ativistas, as militantes leram um manifesto poderoso que denunciava a repressão e reivindicava os direitos das mulheres lésbicas:

> "...NESSA NOITE, QUISERAM EXPULSAR AS COLEGAS, MAS NÓS NÃO DEIXAMOS E ELAS FICARAM, JANTARAM E PAGARAM A CONTA COMO SEMPRE COSTUMAM FAZER, POIS, PRA UNS E OUTROS, EMBORA NÃO PASSEMOS DE CÃES SARNENTOS, NOSSO DINHEIRO NÃO TRANSMITE NOSSA DOENÇA. E ELES SABEM FAZER BOM USO DELE, NA COMPRA DO CARRO ZERO KM, NO ESTUDO DO FILHO NO EXTERIOR, ETC. QUEREMOS TER OS MESMOS DIREITOS DAS OUTRAS PESSOAS, NÃO SÓ SEUS DEVERES..." **(trecho retirado do folheto original do Ferro's Bar,contido na publicação "Quando o preconceito fecha as portas, lute para abrí-las", de Miriam Martinho)**

O protesto resultou em um pedido de desculpas das autoridades e na liberação da venda dos panfletos, um avanço significativo em direção à liberdade de expressão. O levante do Ferro's Bar não foi apenas um marco na luta das lésbicas, mas também um incentivo para outros grupos LGBTQIA+ e organizações feministas reafirmaram sua presença e dignidade na sociedade. Em homenagem a essa conquista, a data foi oficialmente reconhecida como o Dia do Orgulho Lésbico, celebrando a resistência e a luta por direitos, e foi aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo em junho de 2008. Este evento simboliza a força de uma comunidade que, mesmo diante de grandes desafios, se uniu para reivindicar seu espaço e lutar por igualdade e respeito.

Figura 10 - Grupo de Ação Lésbica Feminista no Ferro's Bar



Fonte - Ovídio Vieira

A última edição do Chanacomchana foi publicada em maio de 1987, abordando temas cruciais para a época, como a pandemia da AIDS, a Lei da Anistia e os debates sobre a Constituinte. Ao longo de sua trajetória, a publicação foi um espaço pioneiro para a comunidade lésbica, proporcionando um ambiente de troca e fortalecimento identitário. Através de suas últimas publicações, a revista continuou explorando assuntos de grande relevância social e política, consolidando seu papel na defesa dos direitos e da visibilidade lésbica, e antes de seu encerramento, o Chanacomchana trouxe à tona reportagens que investigavam e questionavam os papéis atribuídos às lésbicas na sociedade, entrevistas que amplificavam vozes silenciadas, e fóruns de discussão formados por cartas de leitoras, promovendo não apenas debates, mas também encontros e paqueras. A publicação representou um marco na escrita da própria história das lésbicas, contribuindo para a afirmação de sua identidade política e social. A publicação, que havia retornado em formato reduzido no final de 1982, após um intervalo de mais de um ano desde sua edição zero, passou a ser conhecida como Boletim Chanacomchana. A primeira edição, ainda em formato de jornal, foi a única nesse estilo antes do hiato.

Figura 11 - Décima segunda e última edição do Chanacomchana



Fonte - Acervo Um Outro Olhar

2.2.4 Lampião da Esquina

Para entender o surgimento do Lampião da Esquina, é essencial abordar o contexto político das décadas de 1970 e 1980 no Brasil. Esse período, conhecido como abertura política, marcou uma transição importante, impulsionada pelo enfraquecimento gradual do Regime Militar, instaurado em 1964. Após anos de repressão, o regime começou a sofrer pressões tanto internas quanto externas, levando a uma série de medidas que visavam suavizar o controle autoritário e haver uma abertura política. Essas ações incluíram a anistia, que permitiu o retorno de exilados e a libertação de presos políticos, e uma crescente flexibilização da censura, que abria espaço para novas formas de expressão. O ambiente cultural e político da época foi fundamental para o surgimento de movimentos e publicações que desafiavam o status quo, como o Lampião, que se destacou ao trazer à tona questões negligenciadas pela grande mídia. Essa publicação emergiu em um cenário onde a resistência intelectual e artística florescia, alimentada pelo desejo de liberdade e pela

necessidade de questionar as estruturas de poder vigentes no país.

Em 30 de agosto de 1977, a Folha de São Paulo publicou uma nota alertando o leitor a chegada de Winston Leyland no Brasil, editor do Gay Sunshine, jornal homossexual mais famoso dos Estados Unidos, com a seguinte mensagem para os leitores homossexuais brasileiros:

> “Atenção poetas-namorados, correi, voai, saltitai: é chegada a hora de dar bandeira em San Francisco, o paraíso. Escrevam, escrevam muitos poemas, porque vem aí o diretor da revista Gay Sunshine, Winston Leyland, à procura de material bem fresquinho para uma antologia de textos latino-americanos.“

Winston Leyland nasceu na Inglaterra em 1940 e se mudou para os Estados Unidos aos doze anos. Criado em um ambiente católico, ele chegou a ser ordenado padre, mas rompeu com a Igreja após dois anos, insatisfeito com sua rigidez e postura em diversas questões. Em 1971, começou a dirigir um jornal em parceria com renomados escritores gays, como Tennessee Williams e Jean Genet.

Figura 12 - Winston Leyland



Fonte - Desconhecida

Figura 13 - Gay Sunshine, décima nona edição



Fonte - boo-hooray.com

Em setembro de 1977, Leyland visitou o Brasil, onde permaneceu por mais de um mês aprofundando sua pesquisa sobre literatura e arte na América Latina, com foco na sexualidade. Durante sua estadia, explorou cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Natal, buscando conhecer poetas e prosadores gays latino-americanos. Leyland se surpreendeu por aqui não existir um movimento queer definido, sua impressão era que o Brasil começava a engatinhar sobre essas questões por existir publicações e peças gays:

> “Não existe aqui o que se possa definir como movimento gay. Mas, por outro lado, está havendo uma mudança de comportamento em relação ao machismo, graças ao material que circula. Já existe uma publicação dedicada ao “gay people”, chamada Entender e que circula em boates. Existe a “Coluna do Meio”, de Celso Curi, além de peças de teatro e livros. Tudo isso me parece uma abertura.”

Leyland jamais poderia imaginar que sua visita ao país desencadearia um movimento tão significativo entre intelectuais e ativistas homossexuais. O que começou como uma simples entrevista de Leyland para uma matéria no jornal

Pasquim organizada por João Antônio Mascarenhas e outros jornalistas gays, acabou servindo como o impulso necessário para consolidar um desejo latente e até então fragmentado: a criação de uma publicação pioneira voltada exclusivamente para o público homossexual e minorias. Esse projeto foi o ponto de convergência de diversas ideias e aspirações que, até aquele momento, estavam dispersas e sem direção. A entrevista não só conectou vozes importantes da cena, mas também revelou a necessidade urgente de criar um espaço que ampliasse a visibilidade e promovesse discussões sobre a comunidade, num contexto em que a repressão e o silêncio ainda prevaleciam.

Pioneiros nesse projeto, estavam importantes figuras das cenas culturais do Rio de Janeiro e de São Paulo, além de intelectuais promissores que, embora ainda jovens, já desfrutavam de prestígio em suas áreas, como a universidade, o jornalismo e a literatura. Entre os envolvidos, destacavam-se nomes como os jornalistas Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata e João Antônio Mascarenhas, que desempenharam papéis fundamentais na organização e na produção da publicação. Além deles, o grupo também contava com a contribuição do renomado artista plástico Darcy Penteado, do influente crítico de cinema Jean-Claude Bernardet, do escritor João Silvério Trevisan e do antropólogo Peter Fry. Cada um trazia consigo uma bagagem distinta, enriquecendo o projeto com perspectivas diversas, desde a arte e a crítica até o ativismo social e acadêmico. Alguns desses intelectuais, como Aguinaldo Silva, Jean-Claude Bernardet e João Silvério Trevisan, já possuíam experiência anterior de militância política, especialmente em grupos de oposição à ditadura militar, que ainda pairava sobre o Brasil naquele período. Essa vivência prévia em movimentos de resistência armou-os com um senso de urgência e uma compreensão das dinâmicas do poder e da repressão, o que se refletiu nas discussões e nos conteúdos que seriam abordados na futura publicação. O envolvimento dessas personalidades, muitas delas com trajetórias marcadas pelo ativismo e pela contestação, era um reflexo da confluência entre a luta pela liberdade sexual e os ideais democráticos que haviam sido silenciados durante o regime autoritário. O

projeto, portanto, não se limitava apenas a ser uma publicação cultural; ele assumia um caráter político de resistência, desafiando as estruturas sociais e políticas vigentes e oferecendo um espaço de visibilidade e voz para as minorias sexuais, em um momento em que a censura e a repressão ainda eram parte do cotidiano brasileiro.

Em abril de 1978, a edição número zero de Lampião foi lançada, marcando o início de sua circulação que durou até junho de 1981, totalizando 38 edições ao longo de mais de três anos de existência. Logo após o lançamento, descobriu-se que já havia um jornal no Rio Grande do Sul, com o mesmo nome. Para evitar confusão, a publicação adotou o nome “Lampião da Esquina” a partir do primeiro número. Esse título, além de remeter à Esquina Editora, carregava um simbolismo associado aos espaços urbanos marginalizados, onde gays, lésbicas, travestis e outras minorias encontravam refúgio e identidade na vida noturna.

Figura 14 - Edição número zero de Lampião”



Fonte - Grupo Dignidade

O projeto de uma revista feita por homens gays, e voltada para as minorias sexuais, tomou forma com o objetivo de ir além da mera representação. A proposta era oferecer um meio de resistência e auto afirmação, desafiando os estigmas sociais e criando um canal de comunicação entre os diversos segmentos da comunidade queer. A publicação se tornaria um espaço de expressão livre, trazendo à tona debates sobre identidade, direitos e cultura, em uma época em que a sociedade brasileira ainda lutava para aceitar a diversidade sexual.

Figura 15 - Lampião da Esquina, edição número trigésima segunda



Fonte - Grupo Dignidade

O contexto político brasileiro em que surgiu o jornal era caracterizado por tensões sociais e ideológicas. De um lado, a ditadura militar, já abatida após mais de uma década de repressão e contenção de resistências, tentava capitalizar o que ainda lhe restava de apoio político e abrir sua economia de forma “lenta, gradual e segura”. Por outro lado, no entanto, o clima de liberalização que se anunciava não parecia promissor para os grupos minoritários. As mudanças propostas não indicavam que os direitos dos homossexuais seriam incluídos ou beneficiados nesse novo cenário. A censura moral e as perseguições a homossexuais permaneciam firmes. Mesmo com as promessas de mudanças, o ambiente ainda era hostil, e as minorias sexuais continuavam a enfrentar um panorama de exclusão e repressão.

Dessa forma, o surgimento do Lampião da Esquina não se dava apenas no contexto de uma luta pela liberdade política, mas também em meio a um desafio maior: o de conquistar espaço e visibilidade em uma sociedade marcada por normas rígidas e preconceitos arraigados. A publicação emergia como uma resposta a essas contradições, buscando não apenas informar, mas também questionar e subverter as normas sociais vigentes. Nesse sentido, Lampião afrontava diretamente a ditadura e à moral conservadora, se destacando pelos temas como sexualidade e os costumes de uma maneira muito mais ousada que outras publicações do mesmo porte. O Jornal, geralmente publicado no formato tablóide e com cerca de vinte páginas, era dividido em várias seções, cada uma composta por um ou mais textos, muitas vezes assinados pelos membros da equipe editorial, amigos da equipe ou por colaboradores externos. Ao longo do tempo, algumas mudanças foram feitas, mas as seções mais recorrentes incluíam:

1. **Editorial**, que expressava a visão do jornal;
2. **Matéria**, abordando temas diversos;
3. **Entrevistas**, com personalidades públicas, artistas e ativistas associados ao universo LGBTQIA+;
4. **Esquina**, onde se encontravam textos variados, desde ensaios até traduções de escritos sobre a vivência homossexual;
5. **Contribuições**, com textos livres discutindo tópicos amplos;
6. **Cultura**, uma coluna que recomendava eventos culturais, além de críticas e resenhas;
7. **Ficção e Poesia**, espaço destinado a obras literárias;
8. **Participação Popular**, com artigos enviados pelos leitores;
9. **Correspondências**, onde eram publicadas cartas dos leitores acompanhadas de respostas bem-humoradas;
10. **Notícias Internacionais**, composta principalmente por traduções de notícias LGBT de outros países;
11. **Movimento**, uma seção que relatava as atividades dos grupos ativistas e incentivava a adesão ao movimento homossexual;
12. **Noite e Diversão**, cobrindo eventos noturnos e o cenário festivo;
13. **Satírico**, com uma personagem fictícia que ironizava os acontecimentos recentes e os boatos, sempre de forma irreverente;
14. **Humor**, outra seção com frases engraçadas e comentários sarcásticos;
15. **Debate**, que apresentava visões opostas sobre temas considerados controversos, como a bissexualidade;
16. **Ensaio Fotográfico**, com fotos sensuais de homens nus, entre outras colunas mais esporádicas.

O Lampião estruturava-se em várias seções, que refletiam as preocupações e interesses da comunidade em diferentes momentos. Ele também trouxe à tona uma série de questões consideradas polêmicas até hoje, como o consumo de drogas, a masturbação, a discussão sobre educação sexual, além de temas sensíveis como o racismo e a exploração de menores. A violência contra homossexuais era um assunto constantemente tratado, com o jornal servindo como um canal fundamental para documentar e expor os abusos enfrentados por esses grupos marginalizados. O jornal também abordou casos de preconceito no ambiente de trabalho, sempre adotando uma postura crítica e combativa em relação a essas injustiças, que atingiam tanto a dignidade quanto os direitos básicos da população gay.

Figura 16 - Lampião da Esquina, edição número décima terceira



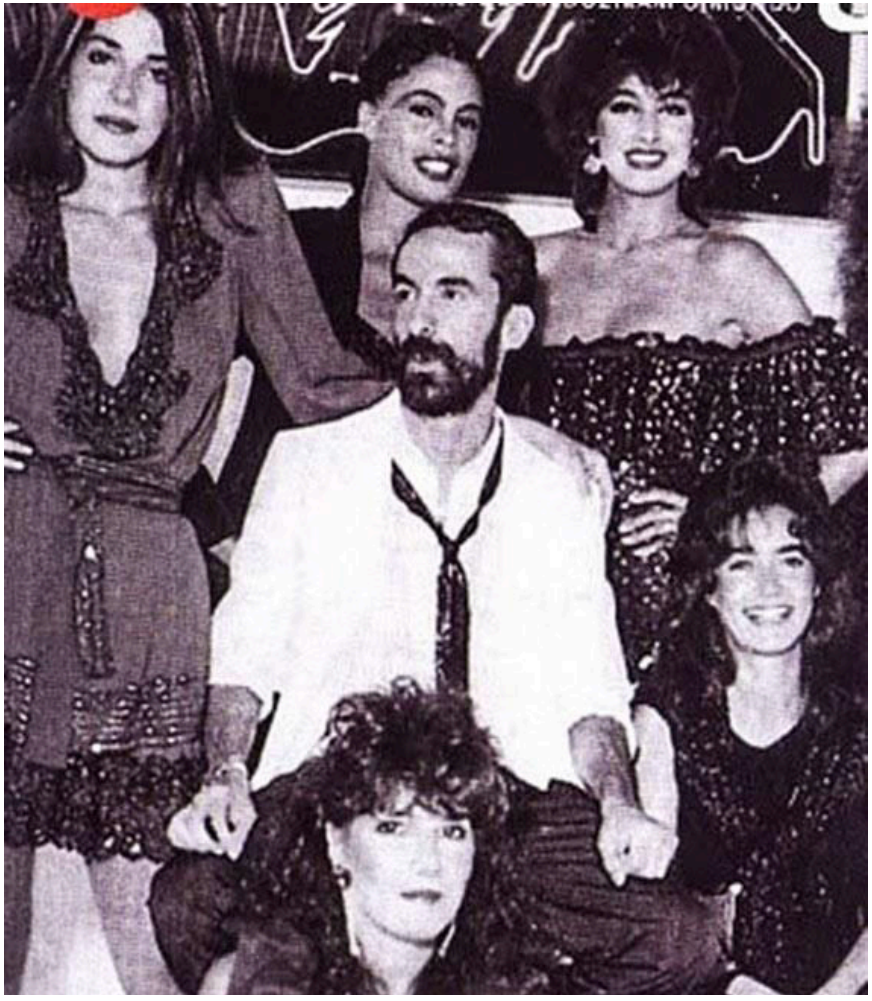
Fonte - Grupo Dignidade

2.2.5 Epidemia de HIV/AIDS

No início dos anos 80, o surgimento da epidemia de AIDS impactou fortemente a comunidade homossexual. O termo mais amplamente utilizado para referir-se à doença, que se espalhava de forma alarmante, era "peste gay" ou "câncer gay". Esse estigma não se limitava a conversas nas ruas, mas aparecia em manchetes de jornais e programas de televisão. A associação da AIDS com a comunidade se espalhou rapidamente devido ao preconceito já existente contra essa minoria marginalizada e ao fato de que os casos de AIDS que recebiam mais cobertura midiática estavam relacionados a pessoas homossexuais. Essa abordagem fazia com que muitas pessoas cisgênero e heterossexuais associassem qualquer morte por AIDS com a comunidade e suas "escolhas sexuais".

Marcus Vinícius Resende Gonçalves, conhecido como Markito, considerado a primeira figura pública brasileira a morrer em decorrência da AIDS, falecendo aos 31 anos em 1983. Embora sua carreira tenha sido curta devido à doença, Markito conquistou grande renome como estilista, sendo um dos mais célebres do país. Ele criou designs exclusivos para grandes estrelas como Xuxa, Diana Ross e Sônia Braga. Sua trajetória foi marcada por talento e inovação na moda, deixando um legado significativo na alta costura brasileira.

Figura 17 - Estilista Markito



Fonte - Biblioteca Nacional

Após o fim da ditadura militar em 1985 e a redemocratização, o movimento gay passou por uma reconfiguração em suas pautas e estratégias. Durante o regime militar, a luta pela sobrevivência e pela visibilidade da comunidade foi marcada pela repressão violenta do Estado, pela censura e pela perseguição constante nas ruas. Com o processo de redemocratização, houve uma abertura política que permitiu maior organização e mobilização social, mas, logo em seguida, a comunidade enfrentou um novo e devastador desafio: a epidemia de HIV/AIDS.

Figura 18 e 19 - Mídia contribuindo para a estigmatização da doença



Fonte - Abong



Fonte - O Globo

Imagens e relatos impactantes de pessoas hospitalizadas com AIDS eram exibidos nos jornais com o objetivo de alertar a população sobre a gravidade da epidemia. No entanto, essa exposição também reforçou discursos preconceituosos em duas vertentes: de um lado, conservadores alegavam que orientações sexuais não heteronormativas seriam contrárias à natureza humana e biológica; de outro, muitos defendiam que a AIDS era uma "punição divina" imposta àqueles que praticavam sexo sem fins de procriação. Essas narrativas estigmatizam ainda mais a doença, dificultando a empatia e a mobilização da sociedade

na luta contra a epidemia. Além disso, as políticas públicas não transmitiam segurança aos homossexuais, demoraram anos para que o governo realmente criassem medidas para a prevenção e combate ao preconceito, o Programa Nacional de AIDS, em 1987:

> A resposta oficial no nível nacional, no enfrentamento à epidemia de AIDS, finalmente começou a ser construída, isso quase dois anos depois que o ministro da Saúde a reconheceu como um problema de saúde pública emergente no país (maio de 1985). (MARQUES, 2002, p. 53).

Diante desse cenário, homossexuais se organizaram para promover campanhas de conscientização sobre o uso de preservativos, disseminar informações de prevenção e pressionar por políticas públicas de saúde. No início dos anos 80, o enfrentamento ao preconceito contra homens e mulheres da comunidade ocupava o centro das pautas do movimento gay. Além de lutar contra o avanço do vírus, a comunidade também confrontava o estigma dentro e fora de seus espaços. Muitos dos que viviam com AIDS eram duplamente marginalizados: primeiro, por serem gays ou pertencentes a outras orientações divergentes, e segundo, por serem injustamente vistos como “culpados” pela doença. Essa visão preconceituosa dificultava a empatia e a solidariedade social necessárias para que a sociedade se engajasse na luta contra a AIDS.

Com os limitados recursos médicos disponíveis para enfrentar a epidemia, somados ao preconceito da sociedade, as únicas respostas viáveis incluíam apoio social e psicológico aos doentes e a ampla divulgação de métodos de prevenção ao HIV. A resposta do movimento homssexual foi marcada por resiliência e solidariedade: ao mesmo tempo em que a comunidade enfrentava o luto e a perda de amigos e ativistas, ela se organizava em defesa de algo além dos direitos civis, a própria luta pela vida. Esse foco renovado ajudou a pressionar para que a AIDS fosse tratada como uma crise de saúde pública e não apenas como um "problema moral", influenciando avanços nas políticas de saúde e no acesso a tratamentos no Brasil.

A partir desse esforço, surgiram grupos e organizações não governamentais dedicadas a desassociar o HIV/AIDS exclusivamente à comunidade homossexual, defender os direitos das pessoas vivendo com a doença e garantir um atendimento digno. A luta contra a AIDS não só transformou o movimento após a redemocratização, como também consolidou o papel da comunidade na sociedade brasileira, ampliando sua legitimidade e conectando-a a outras causas sociais, como a luta pelo direito à saúde universal e contra o preconceito de maneira mais ampla.

A crescente divulgação de materiais educativos sobre a prevenção da AIDS abriu espaço para discussões sobre sexualidade, promovendo uma visibilidade até então inexplorada das diversas orientações e práticas sexuais. Essas ações de conscientização tornaram-se essenciais para educar a população sobre a homossexualidade, ajudando a desmistificar estereótipos e promover uma compreensão mais inclusiva da diversidade sexual. Além de informar sobre prevenção, os materiais educativos abordavam direitos, saúde sexual e a importância do respeito às identidades diversas. Esse movimento favoreceu a criação de espaços de diálogo para os homossexuais, incentivando discussões abertas sobre sexualidade em famílias, escolas e espaços públicos. Dessa forma, as ações não só combateram a desinformação sobre HIV/AIDS, mas também se tornaram uma ferramenta fundamental contra o preconceito, promovendo a diversidade sexual como parte integrante da realidade humana. Com isso, a divulgação de informações precisas sobre homossexualidade e sexualidade, em geral, contribuiu para a defesa dos direitos humanos, a promoção da igualdade e a redução do estigma contra a comunidade como um todo.

Foi a partir desses materiais informativos sobre a prevenção da AIDS, que foi possível expor claramente sobre questões como sexualidade, orientações e práticas sexuais existentes. Esse tipo de material foi uma das ações mais efetivas para a época para o combate a discriminação e preconceitos pelos direitos humanos da comunidade.

Figura 20 - Campanha do Ministério da Saúde de 1988 sobre a AIDS



Fonte - Ministério da Saúde

3. O PROJETO

3.1 A MARCA

A TROPIQUIR foi inicialmente concebida como uma editora, com foco na publicação de obras alinhadas a temáticas LGBTQIA+. No entanto, ao considerar a amplitude de sua proposta de atuação e os conteúdos que deseja estimular, a marca se expande para além do universo editorial tradicional. Com base em sua vocação para o diálogo entre linguagens artísticas e a promoção de experiências coletivas, a TROPIQUIR irá se estruturar como uma editora multiplataforma. Isso significa que, além da produção e venda de livros, ela se articula com diferentes setores culturais, ampliando sua presença e impacto no cenário artístico contemporâneo.

A seguir, os principais setores de atuação da marca:

- **Livros:** lançamento de obras literárias com foco em diversidade, identidades e narrativas plurais.

- **Arte e Cultura:** promoção e curadoria de projetos artísticos, exposições, colaborações com artistas visuais e iniciativas interdisciplinares.

- **Clube de Leitura LGBTQIA+:** encontros regulares com leitores e autores, promovendo debates críticos e afetivos em torno de obras queer brasileiras.

- **Clube de Filmes LGBTQIA+:** sessões comentadas, cineclubes e análises de produções cinematográficas LGBTQIA+.

- **Eventos:** organização de rodas de conversa, oficinas, feiras, saraus e ações culturais que conectam a comunidade em torno da arte, literatura e expressão livre da comunidade.

Assim, a TROPIQUIR se consolida como um espaço de criação, circulação e afeto, abraçando múltiplas linguagens e contribuindo para a valorização da cultura LGBTQIA+ em suas diversas formas.

3.2 ANÁLISE DE SIMILARES

Para o desenvolvimento da identidade visual da TROPIQUIR, foi realizada uma pesquisa voltada à entender o cenário visual contemporâneo no editorial e nas comunicações das redes sociais das editoras brasileiras. O estudo concentrou-se na análise de similares, observando o posicionamento visual e as estratégias de comunicação adotadas por diversas editoras, tanto aquelas com foco em publicações LGBTQIA+ quanto outras com atuação mais ampla, sem um recorte temático específico.

O objetivo foi identificar tendências, linguagens gráficas e formas de engajamento utilizadas no contexto atual, especialmente em plataformas como o Instagram para poderem ser utilizados pela TROPIQUIR. Durante a análise, foi possível perceber que, mesmo atuando em nichos distintos,

editoras tradicionais e LGBTQIA+ adotam abordagens visuais semelhantes em suas redes sociais. A maioria investe em posts conteudistas, utilizando suas identidades visuais como base para a divulgação de lançamentos, com composições centradas nas capas dos livros e textos relacionados aos livros, como sinopses ou passagens do livro citado. Observou-se, ainda, a importância da identidade visual na construção dessas marcas e na forma como são reconhecidas e identificadas por seus consumidores, reforçando a necessidade de um projeto gráfico consistente e alinhado aos valores e ao público de cada editora.

A partir dessa observação, surgiu o desejo de propor uma identidade visual alternativa ao que já é amplamente utilizado no mercado por essas editoras. O projeto busca romper com os padrões recorrentes, tanto na comunicação digital quanto nas capas dos livros, propondo uma estética visual distinta que fortaleça a singularidade da marca e estabeleça uma conexão mais autêntica com o público LGBTQIA+ e sua história.

Figura 21 e 22 - Pesquisa de similares



Fonte - Acervo pessoal



Fonte - Acervo pessoal

3.3 PESQUISA DE REFERÊNCIAS

Para desenvolver a identidade visual do projeto, foi realizada uma pesquisa sobre os materiais impressos da comunidade LGBTQIA+ nas décadas de 1960 e 1970. Essa análise ajudou a compreender as cores, tipografias e estilos visuais presentes nas publicações alternativas da época. Entre as referências, o jornal de circulação independente Lampião da Esquina se destacou como principal fonte de inspiração, por trazer uma estética que, ainda hoje, expressa o perfil transgressor e autêntico da comunidade. Além disso, foi realizada uma pesquisa complementar de referências visuais de materiais impressos transgressores e alternativos, não apenas do universo LGBTQIA+, mas também de movimentos editoriais independentes e contraculturais. A intenção era ampliar o repertório gráfico da marca, conectando essas estéticas e feitas à mão. Essa combinação de influências contribuiu para construir uma identidade visual que dialoga com o passado, mas se apresenta de forma atual e provocadora no presente.

Figura 23 - Edição número 3 do Lampião da Esquina



Fonte - Grupo Dignidade

Figura 24 - Moodboard acervo pessoal



Fonte - Acervo pessoal

3.4 IDENTIDADE VISUAL

3.4.1 Logotipo

O logotipo foi desenvolvido com o objetivo de expressar, de maneira visual e simbólica, a fusão entre dois elementos centrais à proposta da marca: o calor tropical do Brasil, que representa não apenas o clima, mas também a intensidade, a vitalidade e a energia afetiva do povo brasileiro e o amor queer vivido e celebrado nesse território. Essa união traduz um compromisso com a valorização das identidades LGBTQIA+ dentro de um contexto cultural genuinamente brasileiro.

A escolha de uma palavra em inglês, em seguida adaptada à fonética da língua portuguesa, revela apropriação e ressignificação da palavra queer. Ao ser "aportuguesada", a palavra adquire um novo sentido, mais íntimo e conectado à realidade local, fortalecendo a identidade da marca como algo que nasce e se desenvolve no Brasil, com sotaque próprio e autenticidade.

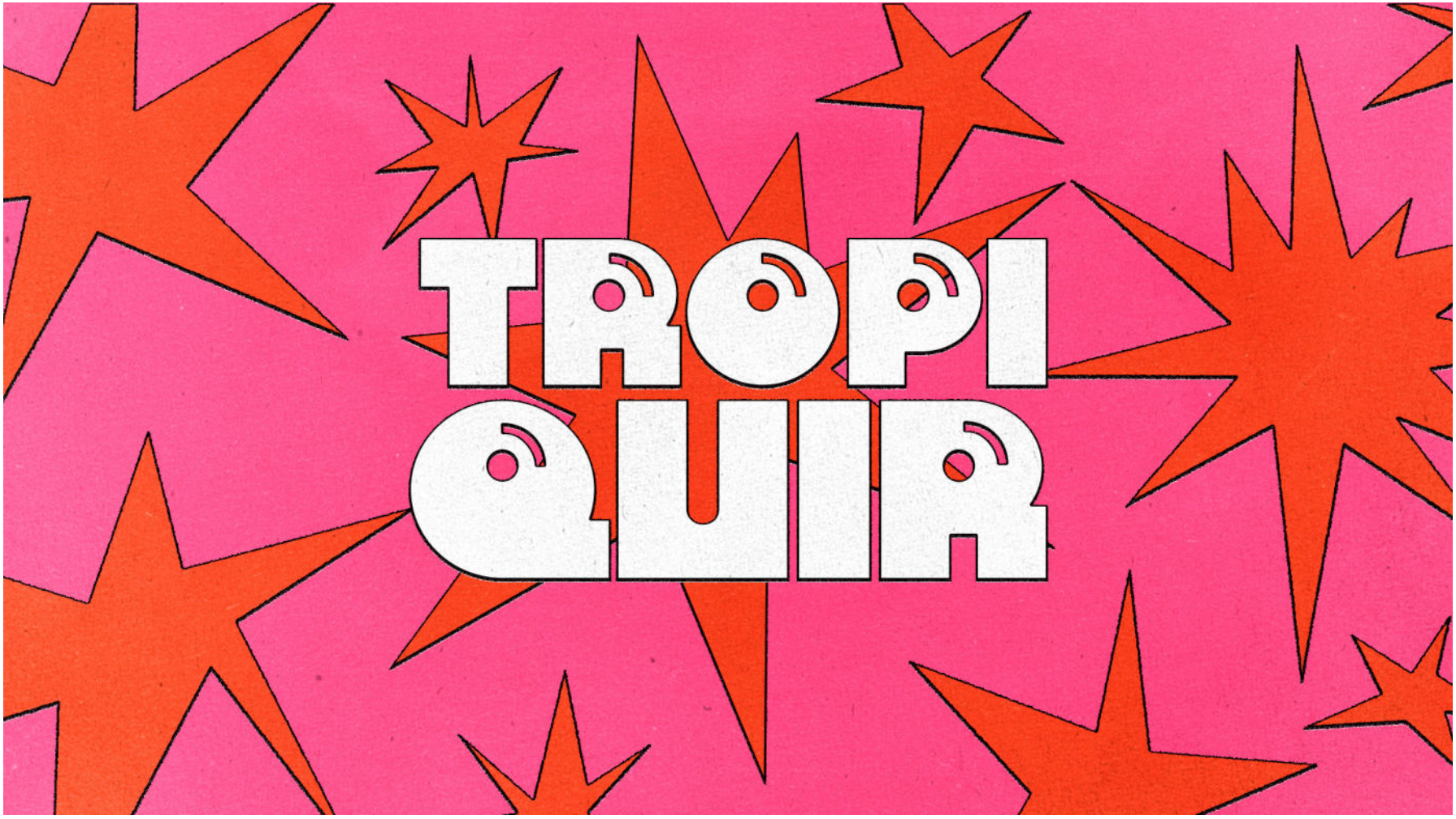
A tipografia adotada — de traços pesados e condensados — foi pensada para transmitir solidez, presença e pertencimento. Essa escolha tipográfica funciona como uma afirmação gráfica de resistência e permanência, comunicando que essas vivências e corpos não apenas existem, mas ocupam espaço com orgulho. É, portanto, uma declaração visual de que estamos aqui, e estamos aqui para ficar.

Figura 25 - Conceito do logotipo



Fonte - Acervo pessoal

Figura 26 - Logotipo aplicado

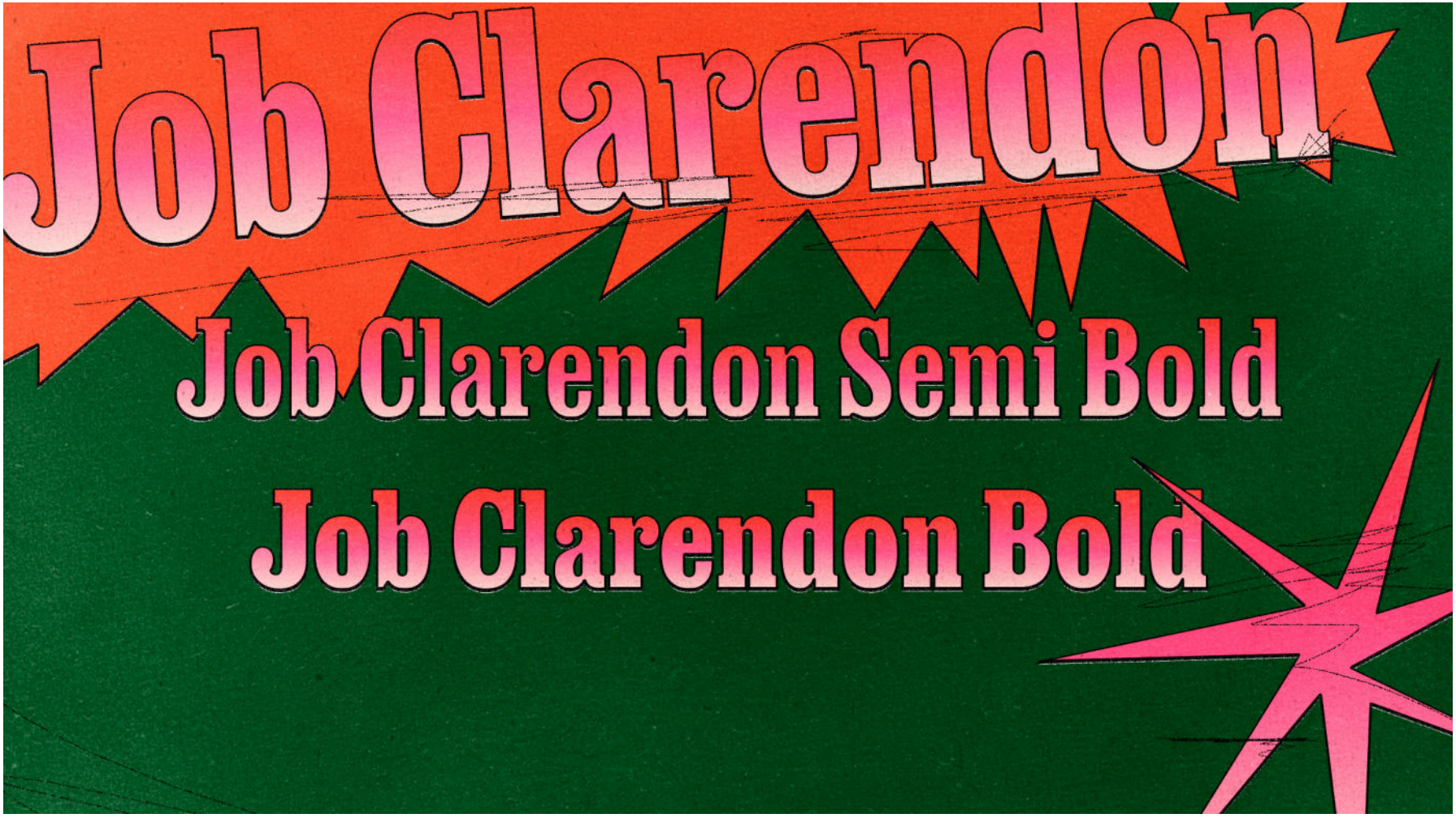


Fonte - Acervo pessoal

3.4.2 Tipografia

A fonte Job Clarendon foi escolhida como tipografia principal por suas serifas marcantes e seu peso expressivo. Ela contrasta com a segunda tipografia escolhida, Bodoni PT VF, mais leve e sutil. A combinação entre as duas tem como objetivo criar um contraste visual que remete à estética tipográfica do Lampião da Esquina, evocando sua linguagem ousada e característica.

Figura 27 e 28 - Fontes usadas no projeto



Fonte - Acervo pessoal



Fonte - Acervo pessoal

3.4.3 Paleta de Cores

Para a escolha da paleta de cores, foi desenvolvido um estudo baseado também nas tonalidades presentes nos impressos LGBTQIA+ das décadas passadas. A partir da observação desses materiais históricos, foi possível identificar uma tendência ao uso de cores vibrantes, contrastantes e carregadas de significado político. A partir de testes combinando diferentes cores entre si, buscou-se criar uma paleta que equilibrasse esse legado visual com a linguagem das redes sociais. As cores selecionadas foram organizadas para reforçar tanto o caráter expressivo quanto a acessibilidade da identidade visual. O resultado é uma paleta que dialoga com a estética transgressora e afetiva das publicações antigas, ao mesmo tempo em que se comunica com os códigos visuais atuais, fortalecendo o sentimento de continuidade, resistência e renovação da comunidade LGBTQIA+.

Figura 29 - Paleta de Cores



Fonte - Acervo pessoal

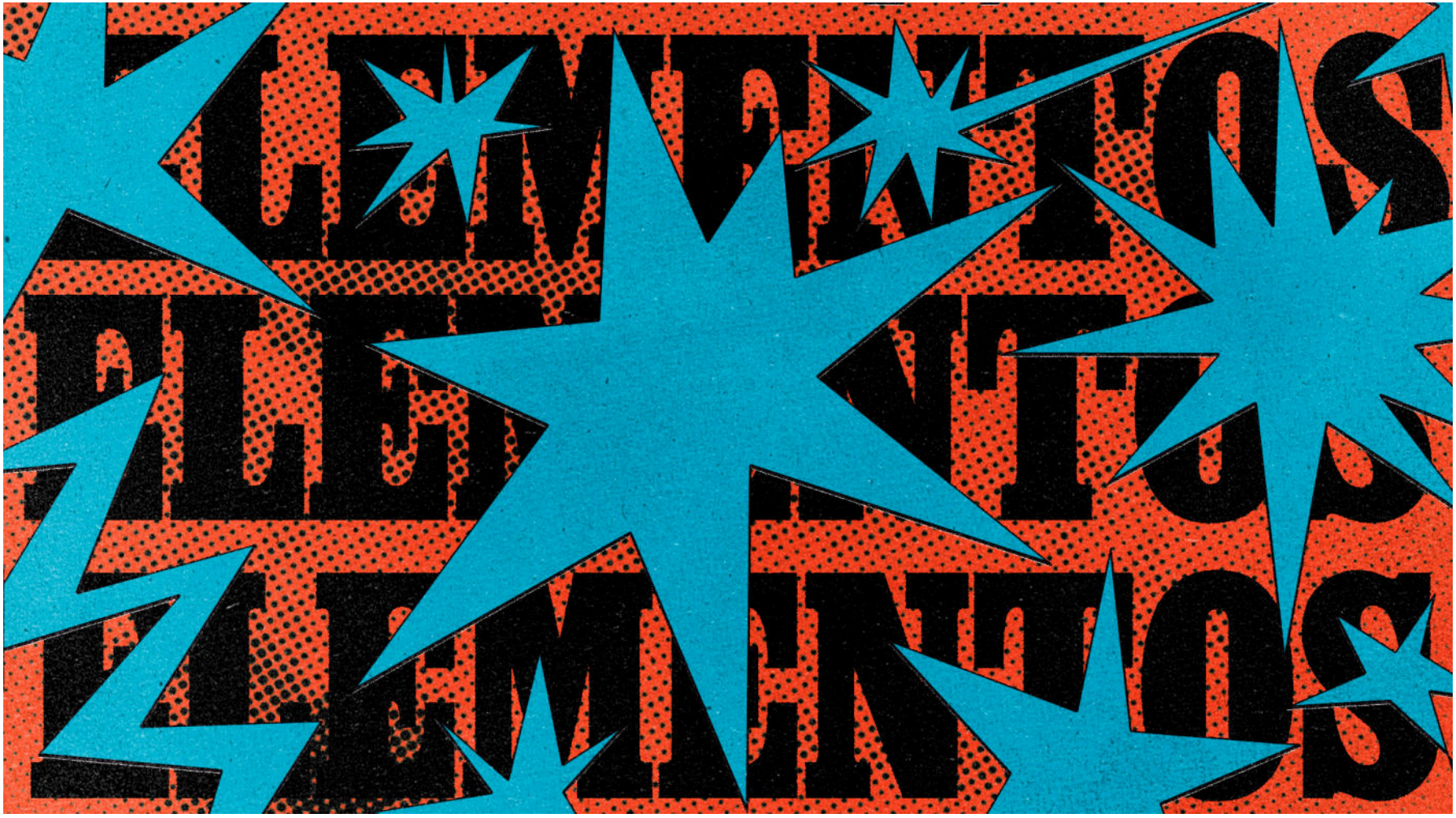
3.4.4 Elementos

Para os elementos gráficos, optei por utilizar formas afiadas, desproporcionais e propositalmente desorganizadas, como uma referência direta ao aspecto “desleixado”, porém carregado de intenção, das publicações alternativas antigas. A ideia foi transpor para o ambiente digital a estética manual e imperfeita desses impressos, simulando suas texturas, falhas, sujeiras e a força bruta de sua comunicação visual. Essa escolha reforça a sensação de autenticidade e resistência, resgatando o espírito artesanal e combativo das produções gráficas da época.

As estrelas foram definidas como os principais elementos da identidade visual. Suas formas irregulares e expressivas, combinadas com a paleta de cores vibrante, ajudam a compor uma atmosfera transgressora e ousada para a marca. Esses elementos não apenas carregam simbolismo, mas também oferecem versatilidade: permitem múltiplas variações e desdobramentos gráficos, seja a partir dos elementos já criados ou com o desenvolvimento de novas formas adaptadas a cada peça. Dessa maneira, a identidade se mantém coesa, mas flexível, se moldando de acordo com o contexto sem perder sua força visual e conceitual.

Além disso, busquei incorporar texturas que remetessem aos papéis impressos utilizados em jornais e revistas de décadas passadas no digital, tanto em termos visuais quanto táteis. A intenção era evocar uma sensação de nostalgia e autenticidade, aproximando o projeto gráfico da estética analógica. Para alcançar esse efeito, foram pesquisadas e analisadas diversas texturas, considerando aspectos como granulação, tonalidade e desgaste. A partir desse levantamento, foram selecionadas aquelas que mais se alinhavam à proposta visual do trabalho, contribuindo para reforçar a atmosfera desejada. O uso dessas texturas, no entanto, não se limita ao material gráfico apresentado neste projeto: ele pode, e deve, ser expandido para outras aplicações visuais da marca, ampliando sua identidade e fortalecendo a coerência que ela proporciona aos consumidores da marca.

Figura 30 - Elementos da marca



Fonte - Acervo pessoal

3.5 APLICAÇÕES

Dentro do planejamento visual da marca, foi elaborada uma série de peças gráficas que contemplam tanto o meio digital quanto o impresso, a fim de garantir uma presença visual coerente e impactante em diferentes plataformas. A proposta foi pensar estrategicamente em como a identidade se comporta em cada suporte, respeitando suas especificidades técnicas e comunicacionais, sem perder a essência da linguagem visual definida. Para apresentar essas peças, começarei pelas versões digitais, destacando como os elementos visuais, como cores, tipografia e formas, foram adaptados para criar uma comunicação atrativa, acessível e alinhada ao espírito da marca no ambiente virtual.

3.5.1 Instagram

Esse é o feed da TROPIQUIR, e nele você encontra seis posts com conteúdos variados que refletem o universo da editora.

O primeiro é um post fixado com o conteúdo “Porque ler TROPIQUIR?”, com uma curadoria especial de obras publicadas pela editora, ideal para quem quer mergulhar no nosso catálogo.

O segundo post dá as boas-vindas ao autor Leblon Carter, novo integrante da casa, celebrando sua chegada ao time de escritores que constroem a TROPIQUIR.

Em seguida, temos a pré-venda do livro Homens Elegantes, livro de Samir Machado de Machado. Outro destaque é o post com os livros do mês, trazendo os lançamentos e pré-vendas programadas para o período, facilitando o acompanhamento das novidades da editora.

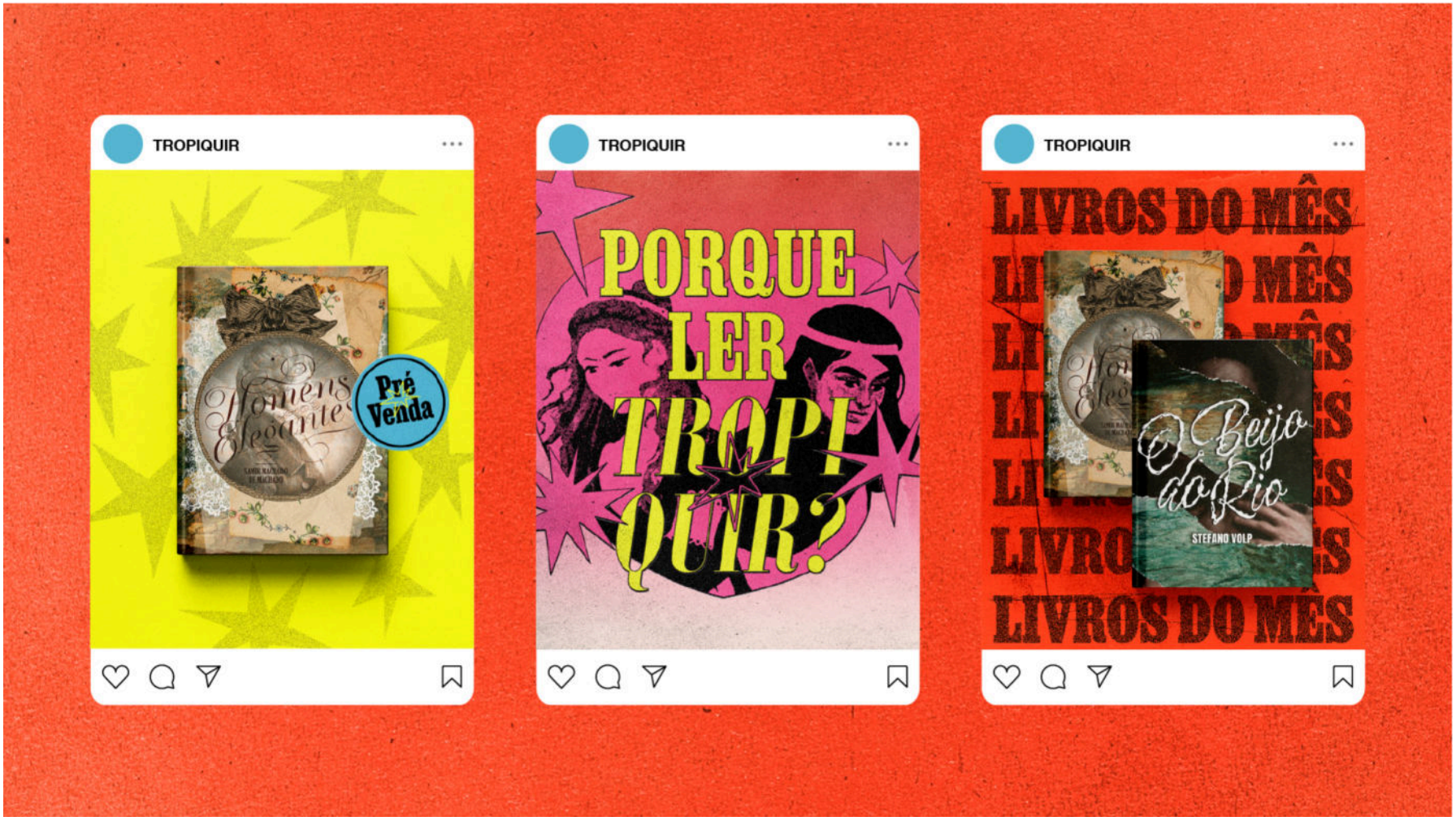
Também há um post dedicado a eventos promovidos pela TROPIQUIR, com destaque para um encontro que discutirá temas ligados aos anos 1980, uma década crucial para a história LGBTQIA+ no Brasil.

Por fim, um post celebrando a memória e a importância de Cassandra Rios, uma das autoras lésbicas mais relevantes da literatura brasileira.

Figura 31 e 32 - Instagram da TROPIQUIR



Fonte - Acervo pessoal



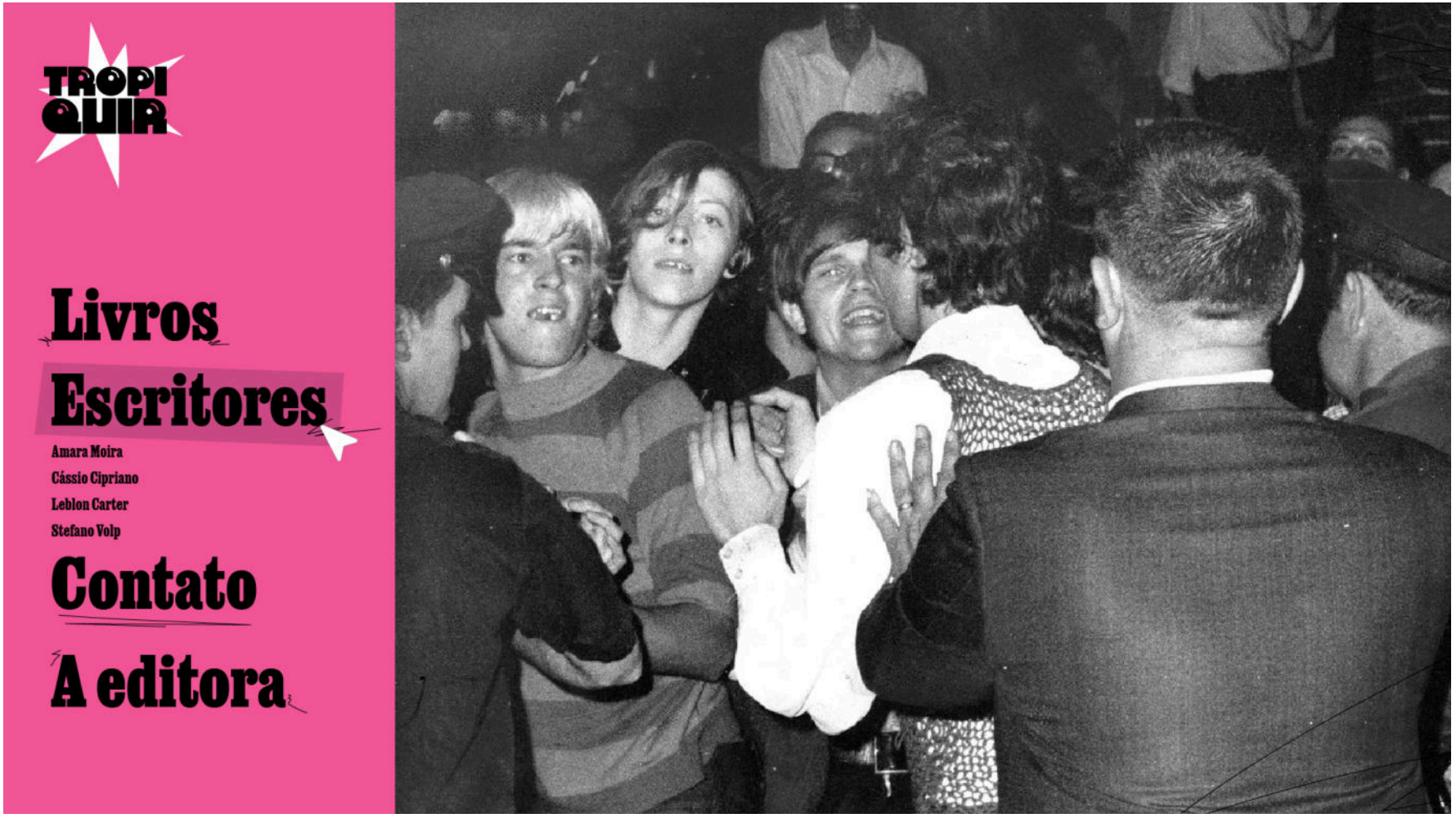
Fonte - Acervo pessoal

3.5.2 Site

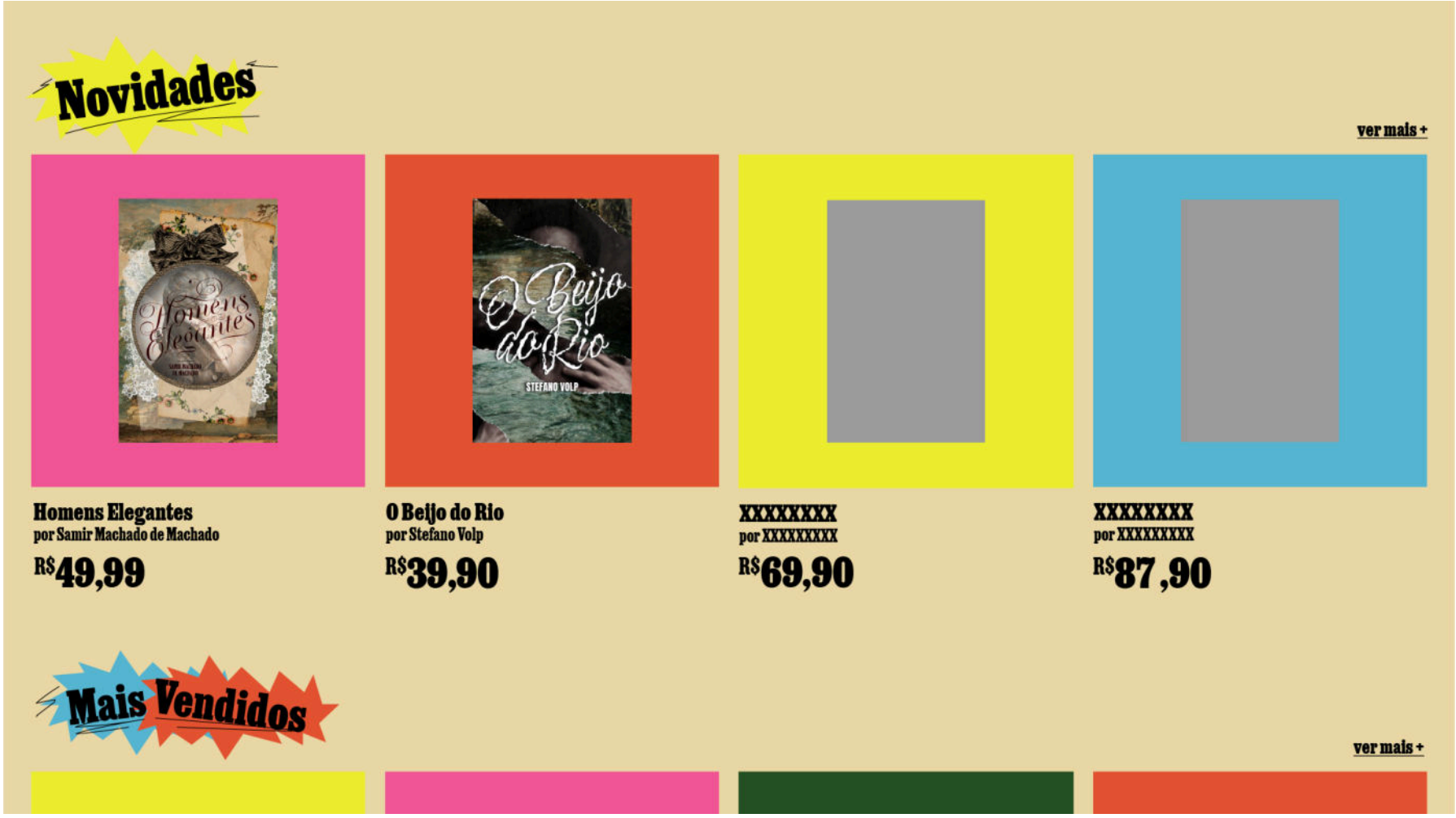
Esse é o rascunho da página inicial do site da TROPIQUIR. Ao desenvolver o layout, tive a intenção de abrir o site com uma seleção de imagens e fotografias marcantes, retratando momentos importantes da história da comunidade LGBTQIA+, tanto do presente quanto do passado. Acredito que revisitar essa memória coletiva é essencial, especialmente porque muitas pessoas da comunidade, hoje em dia, não conhecem sua própria história.

Logo abaixo dessa abertura visual, há uma seção de novidades, destacando os lançamentos mais recentes, como Homens Elegantes e O Beijo no Rio. Mais adiante, o site apresenta a aba de mais vendidos, reunindo os títulos com maior destaque entre os leitores da editora.

Figura 33 e 34 - Site da TROPIQUIR



Fonte - Acervo pessoal



Fonte - Acervo pessoal

3.5.3 Embalagem

Essa é a caixa da TROPIQUIR, que chega até a sua casa junto com o livro adquirido no site. A ideia por trás dessa embalagem é transformar o recebimento do livro em uma experiência especial, que começa antes mesmo do primeiro contato com a leitura.

Mais do que apenas uma editora presente nas redes sociais ou na identidade visual dos livros, a TROPIQUIR busca criar uma relação sensorial e afetiva com o leitor. Por isso, a caixa é personalizada, com cores sortidas que seguem a paleta visual da marca, tornando cada envio único e alinhado com a proposta estética da editora.

Figura 35 - Caixa de envio da TROPIQUIR



Fonte - Acervo pessoal

3.5.4 Ecobag

Essa é uma das ecobags exclusivas da editora, que traz o rosto de autores que fazem parte do nosso catálogo. O modelo da imagem homenageia Amara Moira, autora travesti que integra o nosso catálogo e representa a força e a diversidade da literatura queer brasileira.

A coleção inclui outras ecobags com diferentes autores da TROPIQUIR, cada uma estampada com a frase "LEIA QUIRS", reforçando nosso compromisso com a visibilidade, a leitura e a celebração das múltiplas vozes da comunidade LGBTQIA+.

Figura 36 - Ecobag



Fonte - Acervo pessoal

3.5.5 Cartão de Visita

Esse é o cartão de visita da TROPIQUIR. Visualmente, o cartão da Tropiquir foi pensado para traduzir, em um pequeno formato, toda a identidade vibrante, afetiva e politicamente engajada da editora. As cores seguem a paleta da marca, com tonalidades tropicais e expressivas, que remetem tanto ao calor do Brasil quanto à diversidade da comunidade LGBTQIA+.

Figura 37 - Cartão de Visita



Fonte - Acervo pessoal

3.6 LIVROS

Como parte da aplicação da identidade visual, foram desenvolvidos dois redesigns de capas de livros nacionais com temáticas LGBTQIA+. Essas obras foram escolhidas por representarem a vivência queer, e seriam os primeiros títulos a compor o catálogo da editora. O objetivo dos redesigns foi alinhar visualmente os livros à proposta estética da marca, destacando a força narrativa de cada obra e promovendo uma representação gráfica coerente com os valores de diversidade, afeto e resistência presentes no projeto. As capas foram pensadas para dialogar tanto com o conteúdo literário quanto com o público-alvo, criando uma ponte entre a linguagem editorial e identidade visual da marca.

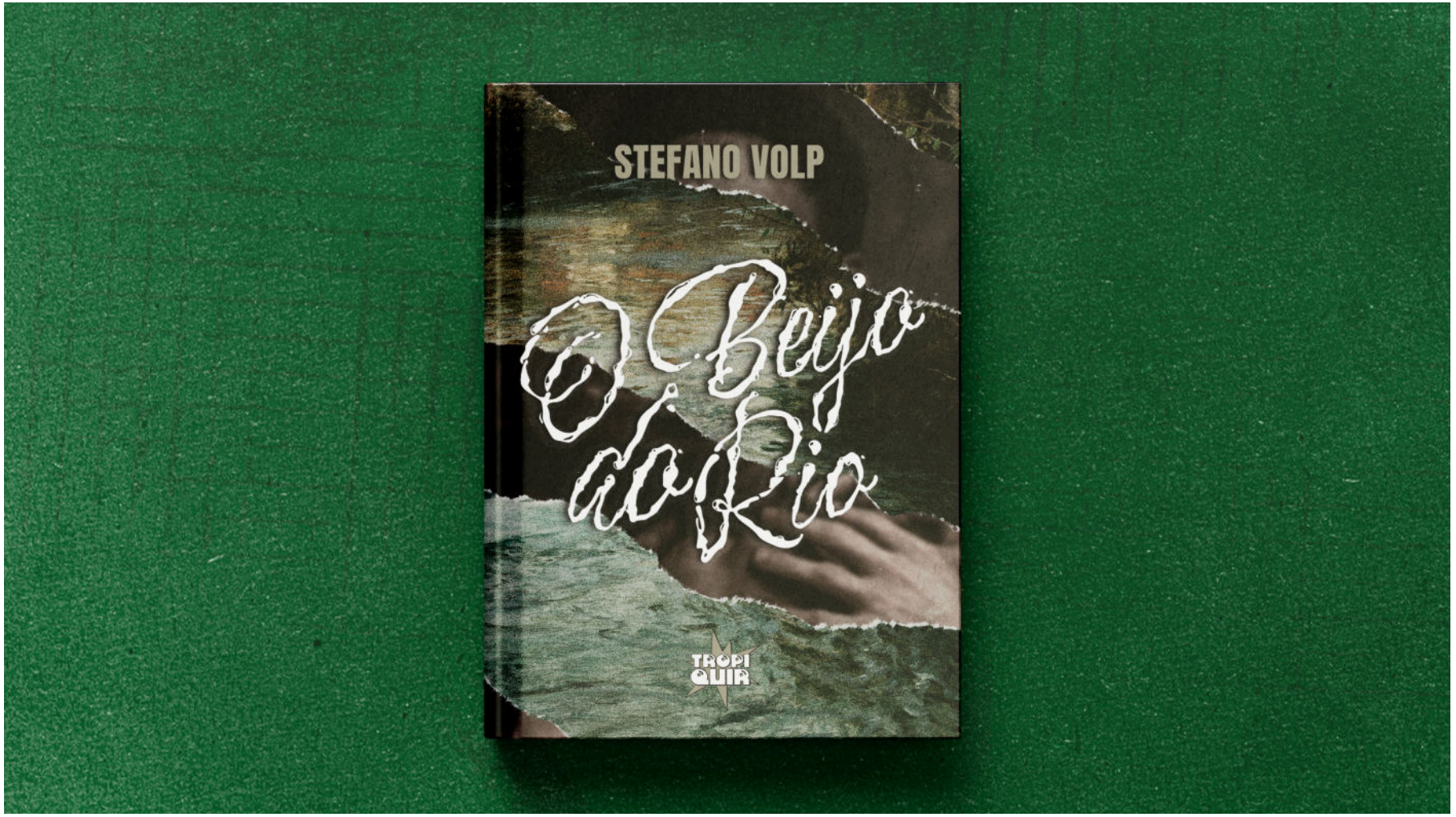
3.6.1 O Beijo no Rio

Figura 38 - Referências da capa



Fonte - Acervo pessoal

Figura 39 - Resultado final



Fonte - Acervo pessoal

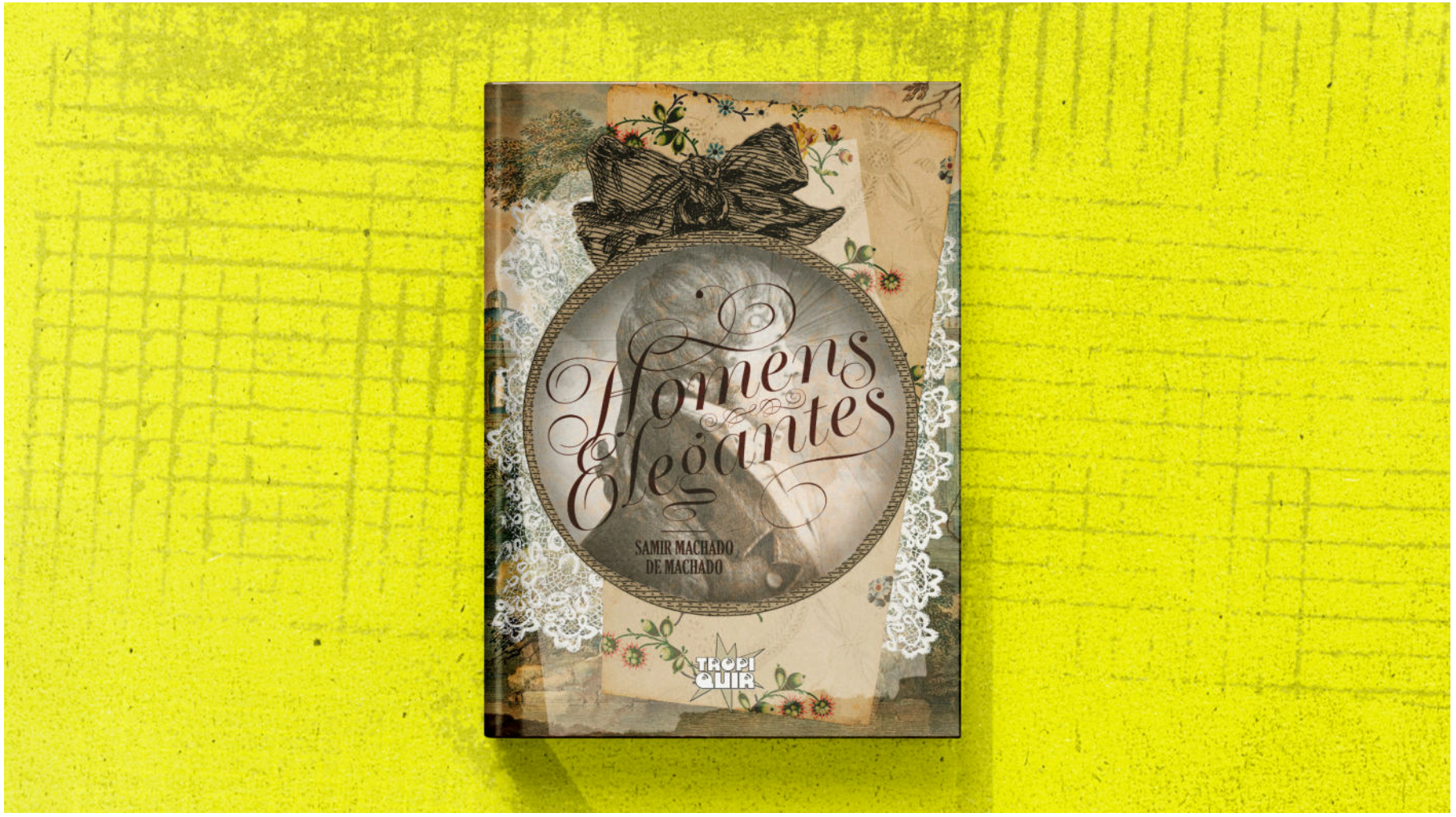
3.6.2 Homens Elegantes

Figura 40 - Referências da capa



Fonte - Acervo pessoal

Figura 41 - Resultado final



Fonte - Acervo pessoal

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerrar este trabalho é também reconhecer a dimensão que ele tomou na minha trajetória como estudante da UFRJ e, principalmente, como indivíduo pertencente a uma comunidade que ainda carrega muitas questões em sua própria narrativa. Muitos de nós crescemos sem conhecer a história das pessoas que vieram antes, aquelas que abriram caminhos, enfrentaram silenciamentos e tornaram possíveis as liberdades que hoje vivemos. Ao longo desta pesquisa, me deparei com cenas e histórias que nunca teria imaginado que sequer poderiam existir, e foi justamente a partir desse encontro que cada escolha do projeto gráfico passou a carregar o compromisso de entender, honrar e valorizar essas vidas. A materialidade, a estética e os conceitos visuais adotados foram pensados não apenas como soluções de design, mas como formas de reconhecer esse passado.

Este projeto se destaca para mim não apenas pelo resultado final, mas pelo processo que o construiu. Foi um mergulho em histórias que através delas, pude conhecer mais sobre a trajetória da minha comunidade, compreender os caminhos, marcados por dor, coragem e criatividade, que nos trouxeram até aqui, e reconhecer a potência transformadora presente em nossas formas de existir, resistir e criar. Essa vivência ampliou significativamente minha perspectiva enquanto designer, me convidando a enxergar o design como uma ferramenta política e afetiva, e reforçou minha identidade e minha responsabilidade política como criador visual.

Dentro da minha formação no curso de Comunicação Visual Design da UFRJ, considero este um dos trabalhos que mais me orgulho de ter desenvolvido, ele simboliza a mistura da minha caminhada no curso e o afeto que tenho pelo tema. Poder reunir esses elementos em um único projeto foi uma experiência profundamente transformadora, que ressignificou meu lugar na universidade e ampliou minha compreensão do papel do design na sociedade, algo que levarei comigo para além da graduação, como guia para o meu trabalho, tanto na ética quanto na criatividade.

Por fim, desejo que este trabalho não se encerre em si mesmo, mas que funcione como semente para outras iniciativas que também se dediquem a contar nossas histórias com cuidado e respeito. A memória da nossa comunidade é rica, plural, viva e contemporânea, e merece ser representada com dignidade em todos os espaços, inclusive e, principalmente, no campo do design, onde a imagem, a forma e a linguagem podem ser potentes instrumentos de reparação, visibilidade e transformação.

5.REFERÊNCIAS

25 ANOS de Aids. *Superinteressante*, 13 out. 2024. Disponível em: https://super.abril.com.br/saude/25-anos-de-aids/. Acesso em: 13 out. 2024.

ACLU. *Update on the status of sodomy laws.* Disponível em: https://www.aclu.org/documents/update-status-sodomy-laws. Acesso em: 17 nov. 2024.

BLACKMORE, Erin. A revolta de Stonewall e o movimento atual pelos direitos LGBTQIA+. *National Geographic Brasil*, 2021. Disponível em: https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2021/06/gay-lgbt-revolta-de-stonewall-movimento-atual-pelos-direitos-lgbtqia. Acesso em: 22 out. 2024.

CANADAY, Margot. We colonials: sodomy laws in America. *The Nation*, 3 set. 2008. Disponível em: https://www.thenation.com/article/archive/we-colonials-sodomy-laws-america/. Acesso em: 4 nov. 2024.

CHANACOMCHANA. Edição 11, 17 set. 2020. Disponível em: https://www.bajuba.org. Acesso em: 31 out. 2024.

CHANACOMCHANA. n. 12 – Sexualidade e saúde, 19 set. 2017. Disponível em: https://www.bajuba.org. Acesso em: 31 out. 2024.

CONHEÇA o Stonewall brasileiro: o levante liderado por lésbicas e apoiado por feministas. *PT.org.br*, 6 jan. 2025. Disponível em: https://pt.org.br/conheca-o-stonewall-brasileiro-o-levante-liderado-por-lesbicas-e-apoiado-por-feministas. Acesso em: 6 jan. 2025.

JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA. *Tropicuir.* Disponível em: https://www.tropicuir.org/lampiao-da-esquina/. Acesso em: 9 dez. 2024.

LAMIR, Daniel. Stonewall: revolta que marca o movimento LGBTQIA+ no mundo completa 54 anos nesta quarta (28). *Brasil de Fato*, 28 jun. 2023. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2023/06/28/stonewall-revolta-que-marca-o-movimento-lgbtqia-no-mundo-completa-54-anos-nesta-quarta-28. Acesso em: 14 out. 2024.

LOPEZ, Rodrigo Cruz. Tivemos um Stonewall brasileiro? *Mídia Ninja*, 2024. Disponível em: https://midianinja.org/tivemos-um-stonewall-brasileiro/. Acesso em: 28 nov. 2024.

LOPES, Pablo de Oliveira. Visão interdisciplinar sobre a Aids. *Núcleo do Conhecimento*, 2024. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/visao-interdisciplinar. Acesso em: 15 nov. 2024.

MARSHA P. Johnson & WICKER, Randy. *Podcast*, Making Gay History. Disponível em: https://makinggayhistory.org/podcast/episode-11-johnson-wicker/. Acesso em: 10 nov. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). *Manual de prevenção para HSH*. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manHSH202.pdf. Acesso em: 23 out. 2024.

MUELLER, Gabriela. Da censura à resistência: representações LGBTs na música brasileira. *Esquerda Diário*, 2024. Disponível em: https://www.esquerdadiario.com.br/Da-censura-a-resistencia-contra-a-ditadura-as-representacoes-LGBTs-na-musica-brasileira . Acesso em: 19 out. 2024.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: história do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2016.

O LEVANTE do Ferro's Bar. *Peita*, 2024. Disponível em: https://peita.me/blogs/putablog/o-levante-do-ferros-bar. Acesso em: 25 nov. 2024.

QUINALHA, Renan. *Contra a moral e os bons costumes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

QUINALHA, Renan. *Movimento LGBTI+*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

QUINALHA, Renan. O mito fundador de Stonewall. *Revista Cult*, 2025. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/o-mito-fundador-de-stonewall/. Acesso em: 7 jan. 2025.

ROSSINI, Maria Clara. O que foi a rebelião de Stonewall. *Superinteressante*, 2024. Disponível em: https://super.abril.com.br/historia/o-que-foi-a-rebeliao-de-stonewall. Acesso em: 12 out. 2024.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Poder e política: crônica do autoritarismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978. p. 153.

SARGEANT, Fred. 1970: a first-person account of the first Gay Pride March. *The Village Voice*, 2024. Disponível em: https://www.villagevoice.com/1970-a-first-person-account-of-the-first-gay-pride-march/. Acesso em: 29 out. 2024.

UFPE. *Mês do Orgulho LGBT: um breve histórico sobre a luta da população LGBTI+ contra o HIV/Aids*. Núcleo LGBT UFPE, 2025. Disponível em: https://www.ufpe.br/nucleolgbt/destaques/-/asset_publisher/qLHUkFubNatN/content/mes-do-orgulho-lgbt-um-breve-historico-sobre-a-luta-da-populacao-lgbti-contra-o-hiv-aids. Acesso em: 8 jan. 2025.

WESTIN, Ricardo. Aids chegou ao Brasil há 40 anos e trouxe terror, preconceito e desinformação. *Senado Notícias*, 2024. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/aids-chegou-ao-brasil-ha-40-anos-e-trouxe-terror-preconceito-e-desinformacao. Acesso em: 26 nov. 2024.

WHY did the Mafia own a gay bar? *American Experience*, PBS. Disponível em: https://www.pbs.org/wgbh/americanexperience/features/stonewall-why-did-mafia-own-bar/. Acesso em: 3 jan. 2025.